

Editorial

A imunogenética e os transplantes

FABIO C. MORINIGO¹, IRACEMA SALATIEL B. DE ALENCAR²

Em meados de 1973 foi criado, no Serviço de Clínica Médica do Hospital dos Servidores do Estado (HSE), no Rio de Janeiro, um laboratório especializado em Imunogenética e Histocompatibilidade humanas, propiciando o início dos estudos indispensáveis para os programas de transplantes, especialmente os renais, graças ao retorno do Dr. José Roberto Feresin Moraes, de Dallas, Texas (USA), e à supervisão do Prof. Peter Stastny.

Em 1984, sob a coordenação da Dra. Mary Evelyn Flowers, do Centro de Transplantes de Seattle, USA, deu-se o início dos transplantes de medula óssea, no Instituto Nacional de Câncer (INCa). Possibilitou-se, aos portadores de anemia aplásica grave, doenças hematológicas neoplásicas, tumores sólidos malignos, erros inatos do metabolismo e imunodeficiências, o acesso à tecnologia de alta complexidade, dentro do território brasileiro, porém ainda aquém da necessidade da demanda.

Em dezembro de 1986, através do Programa de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde, foi firmado um Convênio entre o INAMPS e a Campanha Nacional de Combate ao Câncer (CNCC), que possibilitou a criação de programas, entre eles o Programa de Imunogenética e Transplante de Órgãos (PITO). Sua função foi assegurar o aumento de investimentos financeiros, recursos humanos especializados e infra-estrutura de tecnologia de ponta, proporcionando aumento dos transplantes renais e dos transplantes de medula óssea.

Em conseqüência do grande investimento realizado, em 1986 e 1988, houve um incremento substancial dos transplantes. Em 1990, com a Reforma Administrativa, houve uma queda nos transplantes renais, porém os transplantes de medula óssea continuaram em ritmo ascendente graças aos esforços da administração do INCa e da equipe do Centro de Transplante de Medula Óssea (CEMO). Nos anos seguintes, devido às dificuldades da recessão nacional e conseqüente crise no setor saúde, os transplantes renais não se recuperaram, mas os transplantes de medula óssea não sofreram solução de continuidade.

Em 1991, com a extinção da CNCC, do PITO e do subprograma Rio-Transplante, o INCa, incorporador da tecnologia da Imunogenética, decidiu assumir a manutenção dos programas de transplantes de órgãos, criando a Coordenação de Imunogenética e Transplantes de Órgãos (CITRO), destinada a assegurar o apoio a procedimentos de alta tecnologia e complexidade, procurando atender às diretrizes políticas decorrentes do Plano Quinquenal de Saúde e de implantação do Sistema Único de Saúde (SUS).

É um trabalho efetivo de participação no SUS, que vem possibilitando o acesso a procedimentos indispensáveis aos programas desenvolvidos pelas Unidades Transplantadoras: Hospital dos Servidores do Estado, Hospital Geral de Bonsucesso, Hospital Universitário Pedro Ernesto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Hospital Universitário Antônio Pedro da Universidade Federal Fluminense, Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Hospital Naval Marcílio Dias e Hospital da Força Aérea do Galeão.

A colaboração do INCa ao Grupo Executivo Rio-Transplante da Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, destinado a atender aos casos de morte encefálica, com apoio técnico-científico, recursos humanos e meios operacionais, permitiu também continuarem as atividades do Banco de Olhos do Hospital Geral de Bonsucesso e do Banco de Ossos do Hospital de Traumatologia-Ortopedia.

O Laboratório de Imunogenética (CITRO/INCa), apesar das dificuldades, continuou suas atividades sem interrupção, e o CEMO prosseguiu realizando os transplantes de medula óssea, em ritmo crescente, mantendo a qualidade por excelência.

¹Coordenador da Coordenação de Imunogenética e Transplantes de Órgãos do INCa (CITRO); ²Chefe da Divisão de Apoio Laboratorial - CITRO/INCa.